

# **O FANTÁSTICO IMAGINÁRIO CABOCLO GANHANDO SENTIDO ATRAVÉS DAS MÃOS DO INTÉRPRETE.**

Simone Lorena da Silva Pereira

Instituto Esperança de Ensino Superior (IESPES)

## **Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo incentivar o processo de interpretação das lendas orais amazônicas possibilitando o contato do surdo com a cultura local para que se vislumbre novas reflexões sobre alguns acontecimentos que não se consegue explicar e que através dos seres sobrenaturais compreendam a importância de cuidar da natureza. Tem como base o projeto “Os seres encantados amazônicos ganhando ‘vozes’ através do intérprete” onde foram feitas pesquisas bibliográficas sobre a vivência dos caboclos, que segundo Loureiro (1995) pelo intrínseco contato com o rio receberam o nome de ribeirinhos, a importância das lendas para a(s) cultura(s) e para o processo de construção da(s) identidade(s) tanto de surdos quanto de ouvintes e como essas histórias influenciam na compreensão do meio onde vive. Como resultados percebeu-se que os surdos envolvidos no projeto se tornaram os contadores das histórias sendo multiplicadores das raízes culturais locais e livres para fazerem suas próprias interpretações diante das “mentiras fabulosas” ou das “fabulosas verdades” que permeiam as lendas que ganharam sentido através das mãos do intérprete transformando o “som” em movimento e o corpo em grande gerador de sentidos.

**Eixo-Temático:** Discurso e tradução/interpretação de/para a língua de sinais

## **Introdução**

A questão mística se faz presente fortemente no cotidiano das pessoas que vivem na Amazônia. A narração das histórias dos seres encantados é contada com tanta veracidade que prende a atenção tanto dos expectadores adultos quanto das crianças. Podemos observar essas questões nas manifestações culturais mais conhecidas da região norte como o Festival das Tribos de Juruti, O Boi-Bumbá de Parintins e o Sairé da vila de Alter-do-Chão em Santarém, oeste do Pará. Esta última é objeto deste estudo, visto que, neste local foi realizado o projeto “Os seres encantados amazônicos ganhando ‘vozes’ através do intérprete” que serviu de base para a constituição deste trabalho.

Primeiramente é importante conhecer o local onde foi realizada a coleta de dados para melhor compreender como aconteceu o processo de tradução/interpretação das narrativas orais, os objetivos, a metodologia e os resultados obtidos. De acordo com o Jornal Conexão Oeste (2009), a vila situa-se a 30 quilômetros de Santarém, as margens do rio Tapajós que forma o Lago Verde que é alimentado por dois igarapés principais: Jutuarana e Sonrisal. O rio Tapajós e o Lago Verde fazem surgir, durante o período do verão, uma praia, com cerca de um quilômetro, que recebeu dos habitantes da ilha o “apelido” de Ilha dos Amores e ficou reconhecida internacionalmente como o “Caribe Brasileiro”.

Segundo Fonseca (2006a) lá residiam até o séc. XVII os índios Borari que faziam parte da nação Tupaiçu. Em 1661, o Padre João Felipe Bettendorf, considerado o fundador de Santarém, criou a Missão do Tapajós, da qual faziam parte os índios Tupaius e também os índios borari. Em 1693, a missão dos borari chamada de Nossa Senhora da Purificação já era uma das mais desenvolvidas da região do Tapajós e, em razão do seu desenvolvimento significativo, foi elevada à categoria de vila no dia 06 de março de 1758 pelo então governador da província do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Após essa rápida viagem sobre a história da vila é interessante conhecer a festividade folclórica que é a maior expressão cultural do município de Santarém e a mais antiga manifestação da cultura popular da Amazônia, o Sairé. É tão marcante essa questão cultural que Fonseca (2006b) caracteriza o povo como “amante da música (toca e compõe) e cultura o folclore”. E tem a origem marcada pela chegada dos jesuítas que iniciaram o processo de catequização dos índios borari. Está hipótese é bastante difundida pelo fato dessa manifestação ter características cristãs e profanas como veremos adiante. Esse entrelaçamento acontece em momentos distintos. Pela parte do dia acontecem as ladainhas e as rezas e durante a noite acontecem as danças e os rituais sendo o ponto alto quando o Boto “deixa” o Lago Verde para seduzir as caboclas.

Conhecendo o contexto em que se desenvolveu a vila e o Festival de disputa dos Botos Tucuxi e Cor-de-Rosa (Sairé) percebe-se então, o ambiente em que estão imersos os surdos que vivem em Santarém. Eles até participam dessas manifestações, mas acabam ficando a margem por desconhecerem os sentidos das simbologias locais. E para compreender esse imaginário povoado por seres sobrenaturais os surdos foram levados a terem contato com as histórias através dos próprios contadores locais. O projeto contou com a participação de 5 a 8 surdos tendo ainda a presença de um intérprete de LIBRAS e três voluntários ouvintes. A pesquisa foi feita por meio de entrevistas, agendadas previamente, com os antigos moradores da vila. A interpretação para a LIBRAS foi realizada concomitantemente com a contação oral

tendo sido filmada e fotografada pelos voluntários do projeto. Nesse primeiro momento, os surdos puderam observar as vestimentas dos ribeirinhos, o material de construção das casas (palha, madeira, barro, etc), os objetos que ornavam o lugar (malhadeira - materiais de pescas, por exemplo) podendo desta forma se ambientar e assumir sua posição no enunciado.

Posteriormente, os surdos foram reunidos para assistir as filmagens e ver as fotos observando os detalhes, tirando dúvidas e foram ainda instigados a contar suas próprias histórias. Além de terem sido incentivados a produção de desenhos, pois a questão simbólica está arraigada no caboclo “plantador e pescador de símbolos, a imagem parece estar constituída de uma força própria, criadora de uma realidade instauradora de novos mundos, capaz de ultrapassar o simples campo de escombros da memória (LOUREIRO, 1995a).” Finalmente, foram realizadas oficinas teatrais divididas nos módulos de integração, sensibilização, corpo, construção de personagem e de uma apresentação teatral baseada na interpretação feita pelos surdos sobre a lenda do Boto. As oficinas sugeridas foram baseadas nos autores Viola Spolin<sup>1</sup> e Augusto Boal<sup>2</sup> que trabalham jogos específicos para não-atores. Os jogos teatrais foram escolhidos por “[...] configurar e auxiliar na construção dos conhecimentos, como também no desenvolvimento de uma consciência mais plena, por viabilizar um modo de olhar e compreender o mundo de forma mais completa (ALVES, 2007)”. Além disso, no teatro os jogadores constroem seu próprio texto afirmando um modo único de leitura e também contribuindo para a (re) construção da(s) identidade(s) cultural(ais). Com relação a identidade foi trabalhado o seguinte conceito

[...] entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, p. 22, 2008).

Com relação as identidades múltiplas Perlin (2004) afirma que o surdo está sempre em situação de necessidade do outro igual, do contato surdo-surdo, para que possa se situar diante das múltiplas identidades. E a autora ainda defende um conceito interessante de cultura que vem ao encontro deste projeto onde “[...] a cultura é agora uma das ferramentas de mudança, de percepção de forma nova, não mais de homogeneidade, mas de vida social, constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender, de explicar.” (p.75).

Após esses esclarecimentos se torna interessante falar sobre os resultados da aplicação dessa pesquisa. Foi notória a empolgação dos surdos diante da interpretação das narrativas e o processo de compreensão dos eventos culturais que estavam presentes em seu cotidiano, mas

<sup>1</sup> SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais na sala de aula**: o livro do professor. Tradução de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>2</sup> BOAL, Augusto. **200 jogos para atores e não-atores**. Civilização Brasileira, 1999.

que pela dificuldade de acesso a informação acabam ficando marginalizados. A vivência através da experiência da entrevista com o contador e das oficinas teatrais deram mais corpo e vida a imaginação. No momento da encenação a atitude dos surdos retratou muito bem a questão da movência<sup>3</sup> onde assumiram o seu lugar no enunciado. A performance<sup>4</sup> foi tão intensa, formada por corpo e expressões faciais (LIBRAS), que parece que a história estava acontecendo diante dos olhos do receptor, que se sente parte da trama performatizada. Nos desenhos, a exaltação da natureza, através dos seres encantados, foi marcante demonstrando o início de um processo de revitalização dos valores que compõem a relação entre o homem e o meio ambiente.

A opção por utilizar as narrativas orais que compõem os mitos se deu pelo fato de que assim como as Línguas de Sinais por muito tempo permaneceram na memória ou foram esquecidas. E nas narrativas orais, por meio da performance oral e gestual, se consegue fazer emergir a voz que está na memória e que depois fica no mundo independente do contador fala-se então, que a palavra faz-se “carne” (ZUNTHOR, 1997a). No caso dos surdos, os sinais teriam uma existência que não se pode controlar, como se tivesse um “corpo”. Assim, torna-se quase palpável a existência do boto, da cobra grande, do curupira que o contador vivencia de forma tão intensa que parece seduzir o expectador em direção a um vórtice imaginário onde vivem os encantados.

O resultado que mais chamou a atenção foi a produção de um livro artesanal. Após passarem pelos módulos já discutidos aqui, os surdos foram instigados a construir um livro artesanal tendo como base a peça teatral. O livro foi feito através de materiais regionais e de desenhos feitos por eles não possuindo textos nem legendas permitindo assim, que cada um contasse a lenda a seu modo. Desta forma se ressalta o incentivo a escrita de uma literatura surda. E exemplifica muito bem essa questão o depoimento de Fabiano Rosa no artigo “Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos”

[...] é possível adaptar as histórias clássicas contadas, geralmente para ouvintes, para os surdos. As histórias que lia nas aulas de Português Instrumental para Surdos e também nas atividades de pesquisa eram divertidas, traziam informações, cultura e a possibilidade de explorar histórias que poderiam ser adaptadas e/ou criadas pelos próprios surdos, na LIBRAS. Com a leitura dessas histórias, comecei a adaptar e criar tantas outras histórias endereçadas principalmente aos surdos. Além disso, ao me basear nas leituras que fazia, comecei a utilizar esse aprendizado para conhecer mais a história da cultura surda, da identidade e da vida em comunidade. (p. 59)

Podemos perceber que a Literatura Surda atua como veículo fomentador da cultura surda oferecendo suporte para que se conheça a questão lingüística e artística dessa experiência

<sup>3</sup> Segundo Zumthor movência seria a dinamicidade das narrativas

<sup>4</sup> Para Paul Zumthor a performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida.

visual-espacial. O folclore<sup>5</sup> das lendas compartilha dessas características que segundo Quadros e Sunnton Spencer (2006) “[...] em qualquer aspecto do folclore, há a possibilidade de os indivíduos criativos construírem o patrimônio lingüístico e cultural da comunidade e criarem novas formas que podem ser compostas e/ou transmitidas por meio do oral (visual).” De forma geral foi observado que essas lendas tem como características a oralidade e também nunca são contadas no passado e sim no presente como se estivessem acontecendo diante dos olhos do caboclo. Conversar com o ribeirinho é viajar por um mundo fantástico que, por vezes, quase leva a acreditar na existência desses seres sobrenaturais. E o intérprete é quem vai dar sentido às vozes, assumindo o papel do caboclo, o contador, que no movimento das mãos hipnotiza e fascina porque contar é desbravar o mundo, é acreditar na memória viva do contador que se torna a voz das vozes que tanto falou Garzón Céspedes<sup>6</sup>. E o imaginário do surdo vai além, pintando a fantasia do boto-homem, do curupira, da matinta-perera e outros seres encantados viajando através do “som” dos sinais que brotam das mãos de quem precisa vivenciar as histórias.

Por fim, foi detectado que existe na Amazônia um imaginário recheado de poética e estética que parte da atitude contemplativa da natureza pelo do ribeirinho. Que flutua entre o real e o irreal que de acordo com Loureiro (1995b) é “[...] Uma atitude que traça o caminho poético entre o mundo silencioso dos deuses e o mundo dos homens.” E através das narrativas orais a vocalização (voz como texto, memória, que se difere da oralidade) se perpetua em diversos suportes não sendo apreendida de forma total, mas “um movimento nômade, encontro de presenças que se tocam por um átimo de instante, para deslocarem logo depois, em processo de movência e transformação (ZUMTHOR, 1997b).” É nesse ambiente onde se respira o místico intensamente que se posicionam os novos contadores que utilizam a corporeidade, que parece colaborar para a construção de um teatro com o corpo, e a voz poética que surge através das mãos incansáveis. Mãos promotoras de sentidos desvendando o insaciável mundo imaginário onde o homem está em harmonia com a natureza e busca o equilíbrio no convívio com os seres encantados.

<sup>5</sup> Segundo Quadros e Sunnton Spencer (2006) “Enquanto não há uma definição universal de folclore, ele é normalmente visto como o conjunto cultural de conhecimentos que são transmitidos oralmente (ou visualmente) em uma comunidade.”

<sup>6</sup> Garzón Céspedes é escritor e autor do Credo do contador

## REFERÊNCIAS

Agência de Desenvolvimento do turismo de Santarém. Inventário da Oferta e Infra-Estrutura Turística de Santarém Divisão de Planejamento Turístico: Atualização 2003.

ALVES, Fátima. *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. 3. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

CASTELLS. Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra S/A, 2008.

FONSECA, Wilson. *Meu baú mocorongo: pesquisas, recordações e reflexões sobre a vida histórica e sociocultural santarena*. Vol. 2. Belém: SECULT/SEDUC, 2006.

GUERRA. Denise. *CORPO: SOM E MOVIMENTO Os legados ancestrais na cultura afroindígena brasileira e a implementação da lei 11.645/08*. Revista *África e Africanidades* - Ano 3 - n. 9, maio, 2010.(credo do narrador oral Gárzon Céspedes)

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura amazônica: uma poética do imaginário*. Belém: Cejup, 1995.

PERLIN, G.T.T. *Identidades surdas*. In. SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Texto divulgação da PMS (Prefeitura Municipal de Santarém). *Sairé: da história nativa ao festival dos botos Tucuxi e Cor-de-Rosa*. **No Tapajós**, Santarém, 09 Setembro 2005.

-----, *Alter do Chão - Localizada na margem direita do Tapajós, distante cerca de 30 quilômetros de Santarém*. *Conexão Oeste*, Santarém, 16 Abril 2009. Disponível em: <http://www.conexaooeste.com.br/index>. Acessado em: 13 de Maio de 2010.

QUADROS. Ronice Müller de (org.). *Estudos surdos I* – Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

ROSA. Fabiano Souto. *Literatura Surda: criação e produção de imagens e textos*. *Educação Temática Digital*, Campinas, v.7, n.2, p.58-64, jun. 2006

ZUNTHOR, Paul. *Introdução a poesia oral*. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.